

«Oré ava porã ivimara ei» O intercâmbio entre os povos

Alberto Merler

«Para andar
não precisamos
das raízes
mas sim das fontes
que saibam
tirar a sede
de todos
na caminhada»
(Ilde Flores Maor)

Sumário

1. Palavras
2. Conflito e paz
3. Compreender
4. Barganhas
5. Compartilhar das bicas no caminho

1. Palavras

Há quem ache estranha a frase¹ colocada no título: «Ore ava porã ivimara ei». Com efeito estamos acostumados em utilizar as línguas européas na comunicação no continente americano. Mas neste caso estamos em frente de uma outra língua brasileira: o tupí, «língua geral» que os jesuitas dos séculos coloniais do Brasil fixaram como *koiné* de comunicação entre as várias áreas lingüísticas do País. É a língua que teve valor prático na fala do povo brasileiro até o século XVIII e até mesmo no começo do século XIX. Embora as «línguas gerais» tivessem sido proibidas para fortalecer o uso do português, na Amazônia ainda vinga a outra «língua geral», o *nhengatu*, irmão do *guarani* sulino.

O recado que nos traz esta expressão tupí é: «Que a paz prevaleça no mundo».

Ora, como pode prevalecer a paz no mundo sendo que, pela nossa experiencia de cada dia, sabemos ser o conflito a forma mais comum de relacionamento?

Essa è a nossa pergunta, a questão a ser colocada.

¹ Relatório ao seminário *Intercâmbio para desenvolvimento dos povos*, da Funaci, Universidade Facid, Teresina, Piauí (Brasil), 9-10 de outubro de 2009. Relatório parcial do autor.

2. Conflito e paz

Na realidade, a paz vem a ser uma consequência, o resultado de um processo de elaboração social, de cuidados, de atenções específicas baseadas num conhecimento recíproco entre os atores sociais, as culturas, os povos, as diferentes maneiras de viver e de perceber os valores da vida.

O próprio conflito é uma das formas tomadas pelo relacionamento; é uma modalidade natural de auto-preservação dos demais sujeitos que interagem dentro da própria sociedade ou entre as diferentes sociedades presentes no mundo e que são os nossos vizinhos de diferentes culturas. O que não significa que haja *automaticamente respeito recíproco das diferenças* de cada um e *regras para a convivência* a serem respeitadas por todos. Com efeito, para alcançar o respeito e para construir e compatilhar normas comuns a serem respeitadas, nós necessitamos de *conhecer-nos: isto é de reconhecer nos outros a mesma dignidade que eu reconheço a mim mesmo*.

Não é, portanto, suficiente declarar a necessidade e o valor da paz. A paz não vai acontecer se faltar a intenção do reconhecimento recíproco entre as diferentes partes das diferentes humanidades.

Para respeitar, compreendendo as razões dos outros, necessitamos conhecê-los.

Sem dúvida a palavra *compreender* significa «conter em si», «caber», «abranger», «incluir». Logo: «entender» incluindo, percebendo o sentido das coisas que acabam cabendo na nossa compreensão e na nossa sensibilidade. Incorporando-se aos nossos valores e aos nossos comportamentos de cada dia.

3. Compreender

Mas acontece que nem sempre conseguimos ter confiança nos nossos próprios vizinhos, que são as pessoas que conhecemos e que compartilham conosco as mesmas regras sociais e culturais: língua, trabalho, morada, religião, esperanças, artes, festas, símbolos, instituições, leis, mitos, visões do mundo, governo, território, natureza e assim por diante. Para termos confiança neles e para obtermos a confiança deles em nós, precisamos de um conhecimento maior. *Precisamos chegar mais perto*.

O que poderá acontecer então quando entrarmos em contato com pessoas que são diferentes daquelas que conhecemos no dia a dia?

Pessoas e povos que falam outros idiomas, que comem comidas desconhecidas, que têm maneiras diferentes de se comportar e de agir, que têm costumes e pensamentos que não conseguimos nem sequer decifrar...

Nestes casos o tomar cuidado e mesmo o ter medo constituem reações naturais. Acontece que não temos a possibilidade de compreender-nos.

Isto é: nós não cabemos neles e eles não são contidos em nós.

Nos excluimos uns aos outros por falta de conhecimento recíproco.

Para compartilhar é preciso conhecer e construir conjuntamente regras de convivência das pessoas e dos interesses materiais e espirituais. Faltando isso não há paz mas, no máximo, discursos e conversas sobre a paz.

4. Barganhas

Deve haver *trocias, intercâmbios, barganhas*, possibilidade de resolver os conflitos que sempre podem surgir na presença da proximidade física mas na diferença de hábitos e interesses. É a procura, a pesquisa da equidade possível, do equilíbrio razoável, da mediação para obter a comunhão; é o esforço por achar a simetria das dádivas e das vantagens, embora haja tanta violência e tanta dissimetria nas relações sociais. Como falava o mestre Vinícius de Moraes, «a vida

é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida»: isto vale para as dimensões macrosociais e não somente para o relacionamento interpessoal.

É nessa troca/*breganha* de presentes, de dons, que se alicerça a *comunidade possível* como forma de construção de uma participação capaz de mediar entre os conflitos. Nem tudo é bonito, fácil, limpo na perspectiva comunitária mas é a própria comunidade que pode lavar, pôr em obra, as formas de mediação baseadas no conhecimento, na atividade promocional, na construção de algo que seja comum.

Assim sendo, a troca, o intercâmbio, a capacidade de criar laços, de mediar e promover são ferramentas indispensáveis com relação aos que vivem perto e ainda mais com relação àqueles que vivem longe.

Para construir a paz não devemos ter medo do conflito mas temos que construir os instrumentos para promover a difusão do conhecimento e superar os preconceitos recíprocos.

Esta é a modalidade de se enfrentar e de edificar a paz.

5. Compartilhar das bicas no caminho

São vários e variados os meios para esta construção. Todos eles são importantes, desde que tenham fundamentos no exercício das nossas *peculiaridades humanas plenas* e não só naquelas do maior egoísmo e do máximo etnocentrismo. Na nossa caminhada nos não precisamos somente de raízes mas principalmente de nascentes de água que vamos descobrindo na estrada e que possam tirar a sede: a nossa e a dos nossos companheiros de andança.

Sem dúvida, ninguém é o umbigo do mundo e oxalá nunca ninguém o pense!

O intercâmbio, que proporciona o conhecimento e a troca de relações, constitui uma das maneiras para concretizar o anseio resumido nas palavras antigas da terra: «*Oré ava porã ivimara ei*»!

E para alcançar o alvo precisamos «das fontes que saibam tirar a sede de todos», daquelas biquinhas no caminho.

